O ESTUPRO DAS MULHERES YAZIDIS COMO ARMA DE GUERRA DO ESTADO ISLÂMICO

Carolina Pereira Acypreste[1]

Resumo

Este artigo buscou entender a utilização do estupro como arma de guerra, mais especificamente no contexto da guerra travada pelo Estado Islâmico do Iraque a da Síria, no período de 2014 a 2017. Várias formas de violências, sobretudo aquela praticada por meio da conjunção carnal com mulheres, sem o seu consentimento, foram e continuam sendo praticadas contra as mulheres e meninas da minoria étnico-religiosa Yazidi. A pesquisa procurou desenvolver as análises a partir da teoria da violência de gênero, uma vez que se trata de um trabalho que busca entender os significados que constituem a dominação do homem sobre o corpo feminino e a multiplicação deste em contexto de guerra. Foram utilizadas como fontes notícias *online* dos jornais The Independent e The Guardian e os relatórios das ONGs Amnesty International, Human Rights Watch e a Global Justice Center. Entendemos que o estupro neste caso, é utilizado como estratégia de extermínio e, ao mesmo tempo, funciona como uma forma de propaganda para atrair combatentes e seguidores.

Palavras-chave: estupro; Estado Islâmico; gênero; mulheres; Yazidis.

[1]Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

Abstract

This article sought to understand the use of rape as a weapon of war, more specifically in the context of the war waged by the Islamic State of Iraq and Syria, between 2014 and 2017. Various forms of violence, especially that practiced through the carnal conjunction with women, without their consent were and continue to be practiced against the women and girls of the ethnic-religious minority Yazidi. The research sought to develop the analyzes based on the theory of gender violence, since it is a work that seeks to understand the meanings that constitute the domination of man on the female body and the multiplication of it in the context of war. Was used as source, online news from The Independent and The Guardian newspapers and reports from the NGOs Amnesty International, Human Rights Watch and the Global Justice Center. We understand that rape in this case is used as an extermination strategy and, at the same time, it works as a form of propaganda to attract fighters and followers.

Keywords: rape; Islamic State; gender; women; Yazidis.

Introdução

O estupro acompanhou o ambiente de guerra de formas variadas na história da humanidade, mas na história contemporânea parece ter se tornado ainda mais frequente e complexo, quando inserido às novas estruturas dos conflitos atuais. O Estado Islâmico – ou ISIS (sigla para *Islamic State of Iraq and Syria*) - surgido recentemente na região do Iraque e da Síria no Oriente Médio, trouxe à tona o assunto na mídia, já que vem capturando mulheres da minoria étnico-religiosa Yazidi como escravas sexuais e se utilizando de estupro massivo; seus seguidores também inovam com ampla utilização midiática, exibindo seus atos e os justificando a partir da leitura própria que fazem do Islã. Esta comunicação propõe analisar como a violação das mulheres pelo ISIS se mantém como arma de guerra, investigando como essa prática é sistematizada e como reflete na população. Buscamos entender o ISIS, refletindo sobre o posicionamento deles quanto a violência sexual, e como este se utiliza do estupro contra meninas, jovens e mulheres adultas, a fim de investigar que mensagem seus seguidores buscam transmitir com a violação dessas mulheres.

Por se tratar de um tema na história do tempo presente e com escassas fontes documentais, utilizamos como fonte notícias de jornais *online* editados na

Inglaterra (*The Independen*t e *The Guardian)* entre os anos 2014 e 2017, pois os primeiros ataques realizados pelo ISIS com a captura massiva de mulheres foi em 2014 e a partir desse mesmo ano os jornais passaram a aditar reportagens relativas ao abuso sexual destas mulheres. Estes jornais foram selecionados a partir de uma pesquisa por reportagens que abordavam o assunto com maior quantidade de relatos e acessos às vítimas. Utilizamos ainda relatórios do Human Rights Council (Conselho dos Direitos Humanos das Nações Unidas) e das Organizações Não Governamentais Amnesty International, Human Rights Watch e a Global Justice Center. Ao refletir sobre o estupro, que é uma violação ao corpo do outro, algo que se origina dentro dos conflitos de gênero, analisamos as teorias da violência de gênero. No decorrer dos estudos e pesquisa constatamos que os estupros praticados sob o incitamento e consentimento do ISIS não tinham nada de aleatório, ao contrário, eram sistemáticos, planejados, e poderiam conter objetivos específicos, pois, o estupro não se trata de algo apenas impulsivo, mas uma agressão que contém um significado simbólico.

A violação das meninas e mulheres Yazidi na guerra do ISIS

No Oriente, especialmente no Iraque e na Síria, as mulheres sofrem, no meio dos conflitos em que os países se encontram. Na atualidade, mais civis do que militares são alvos, com violência e morte seguindo como consequência (Unicef, s/d.). Os combatentes do ISIS vêm capturando famílias inteiras e mantendo mulheres e meninas em cativeiro como escravas sexuais. Os relatos de quem consegue escapar mostram as sequelas de tanta violência, sendo que as primeiras denúncias sobre a violência sexual praticada pelo grupo vieram da Anistia Internacional:

> A informação fragmentada e esporádica daqueles que permanecem nas mãos de IS corresponde aos relatos angustiantes daqueles que conseguiram escapar: tortura física e psicológica sistemática, incluindo estupro e outras violências sexuais, abusos que constituem crimes de guerra e crimes contra a humanidade. Mesmo aqueles que disseram à Anistia Internacional que não haviam sofrido abusos físicos disseram ter sofrido constantes ameaças e pressões, pois testemunharam o sofrimento de outros prisioneiros e viveram com medo de que as ameaças contra eles fossem levadas a cabo (AMNESTY INTERNATIONAL, 2014, p. 6).

Não apenas violentadas e mantidas em cativeiro, as meninas também são vendidas, negociadas e presenteadas, no relato daquelas que conseguiram escapar, havendo todo um sistema para organizar essas mulheres. As mais velhas ou que possuem filhos são separadas daquelas que são solteiras, portanto virgens, as quais recebem maior atenção e são as que primeiro são levadas (AMNESTY INTERNATIONAL, 2014).

Há uma extensa pesquisa sobre a violência sexual em conflito e situações de guerra, mas esse ainda não é o caso do ISIS na Síria e/ou no Iraque (BITAR, 2015). Apesar de ser um assunto que aparece com destaque na mídia e na academia, são ainda poucas as pesquisas a respeito das ações do grupo, por se tratar de uma história do tempo corrente, sem desfecho, um território novo. Um dos elementos que torna importante a pesquisa sobre o estupro como estratégia de guerra a partir do ISIS, é que ainda não está claro o que de fato eles buscam, nem o significado dessa captura em massa das meninas Yazidi para violação sexual.

Trata-se de um grupo de poder incontestável entre os anos de 2014 à 2017, pois até então, conforme Mah-Rukh Ali, "o ISIS controla grandes partes da Síria e do Noroeste do Iraque. Eles governam uma área maior do que o Reino Unido, com uma população de 8 milhões de pessoas"[2] (ALI, 2015, p. 7). Nas áreas de maior atuação do ISIS se encontram os Yazidi, as zonas do Iraque em fronteira com a Síria, onde houve a captura de mulheres e meninas para serem escravas.

A região de Sinjar, no norte do Iraque, é o lar da maioria dos Yazidis do mundo. Durante as suas investigações sobre as violações cometidas na Síria, a Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas indicou que o ISIS transferiu à força, e continua a transferir, milhares de mulheres Yazidi e crianças para a Síria. Estima-se que pelo menos 3.200 mulheres e meninas Yazidi permaneçam prisioneiras do ISIS, a maioria dentro de áreas controladas pelo ISIS na Síria e Iraque (HUMAN RIGHTS COUNCIL, 2016). O que pudemos observar sobre a captura de meninas e mulheres, em massa e sistematicamente, nos leva a perguntas importantes que buscamos responder aqui. Apesar do grau de relevância que tem o fundamentalismo para gerar essa tomada das meninas para escravidão, entendemos que há uma ação sistemática que se encontra em meio a uma guerra, ou seja, essa violação às meninas Yazidi significa mais que um acaso, pois demonstra ser relevante como estratégia para o ISIS, conforme a explicação de Bitar (2015):

[2]"ISIS controls large parts of Syria and North West Iraq. They rule an area larger than the UK, with a population of 8 million people". (ALI, 2015, p. 7)

> Na cultura Yazidi, o patriarca é forte e a honra é um grande componente dele, e o ISIS está bem ciente disso (como é o caso da maioria das culturas do Oriente Médio). Assim, quando "desonram" "suas" (dos homensYazidi) mulheres por violação sexual, as estruturas patriarcais da cultura Yazidi são interrompidas, e os membros da família masculina de mulheres e meninas Yazidi são humilhados. Controle de mulheres é um sinal de sucesso masculino afinal[3] (BITAR, 2015, p. 59).

Além dessa dimensão social que traz significado à violação das mulheres na cultura Yazidi, um outro aspecto a se notar é que a experiência enfrentada por essas meninas é, na maioria dos casos, de danos físicos e psicológicos irreversíveis, pois a truculência com que são submetidas é desumana, segundo registros do Human Rights Watch. Com efeito, conforme relata essa comissão,"Jalila disse que durante seu cativeiro, sete lutadores do ISIS «possuíram» ela e quatro a estupraram em múltiplas ocasiões: 'Às vezes eu estava vendida. Às vezes eu fui dada como um presente. O último homem foi o mais abusivo; ele costumava amarrar minhas mãos e pernas'» (HUMAN RIGHTS WATCH, 2015, s/p). Nos relatórios, tanto da Anistia Internacional quanto da Human Rights Watch, a tentativa de suicídio aparece repetidas vezes nas falas das garotas entrevistadas. Duas meninas, em entrevista à Anistia Internacional, relatam que "à noite, tentamos nos estrangular com nossos cachecóis. Nós amarramos os cachecóis ao redor de nossos pescoços e afastamo-nos o mais forte possível, até eu desmaiar" (AMNESTY INTERNATIONAL,2014, p. 8).

A existência de campos e regras para direcionar a escravidão sexual em que são submetidas as meninas e mulheres Yazigis nos mostra como o ato foi institucionalizado pelo ISIS, e como isso é, sim, uma estratégia de guerra. Ao analisar a violência sexual em guerras e conflitos, não se pode simplesmente aplicar uma análise de gênero a ela, mesmo que seja um passo na direção certa. Mas é preciso analisar as estruturas socioculturais e de gênero da violência sexual em tempo de guerra para entender porque algumas mulheres e meninas são alvo e outras não (BITAR, 2015).

[3]In the Yazidi culture, the patriarch is strong and honour is a big component of it, and ISIS are well aware of this (as is the case with most cultures of the Middle East). Thus when they 'dishonour' 'their' (Yazidi men's') women by sexually violating them, the patriarchal structures of the Yazidi culture are disrupted, and the male family members of Yazidi women and girls are humiliated. Control of women is a sign of male success after all. (BITAR, 2015, p. 59)

Segato (2013), ao analisar as mudanças ocorridas nas estruturas da guerra, atenta para o fato de como a violação do corpo feminino vem aumentado. Em um mundo onde as guerras já não são convencionais, já não são travadas entre Estados, há uma perda dos limites, relacionados aos atos cruéis, já que não existem documentos ou emblemas que indiquem quem detém a autoridade jurisdicional. De outro modo, a crueldade se mostra como forma de controle sobre os territórios e corpos, uma vez que «as declarações públicas do ISIS relativas à escravização, casamento forçado e abuso de mulheres capturadas, bem como a venda organizada de mulheres e meninas Yezidi, indicam uma prática generalizada e um plano de ação sistemático" (HUMAN RIGHTS WATCH, 2015, s/p).

Ao refletir sobre essas novas formas de guerra, que se constituem mais por organizações ou paraestatais, Segato (2013) afirma: "A rapina que se desencadeia no feminino manifesta-se tanto em formas de destruição corporal sem precedentes como nas formas de tráfico e comercialização do que esses corpos podem ofertar, até o último limite"[4] (SEGATO, 2013, p. 17). Segundo a Anistia Internacional (2014), os crimes cometidos pelo ISIS foram generalizados e de forma sistemática, tornando-se parte de sua política de organização. De acordo com a instituição, "os crimes contra a humanidade cometidos por IS incluem assassinato, escravização, prisão, tortura, violação e escravidão sexual e perseguição" (AMNESTY INTERNATIONAL, 2014, p. 15).

Percebemos duas dimensões na ocorrência da violência sexual das meninas Yazidi pelo grupo ISIS, uma das quais se trata do fundamentalismo no Islã, que é onde se origina e se busca justificar o direito de massacrar os Yazidis, ação que o próprio grupo ISIS coloca como uma obrigação segundo as normas do Islã, como se vê a seguir:

> Ao conquistar a região de Sinjar em WilāyatNīnawā, o Estado Islâmico enfrentou uma população de Yazidis, uma minoria pagã existente em regiões do Iraque e Shām. A sua existência contínua até hoje é uma questão que os muçulmanos devem perguntar sobre como eles serão perguntados sobre isso no dia do julgamento, considerando o que Allah revelou Āyat as-Sayf (o verso da espada) mais de 1400 anos atrás. Ele disse ta'ālā:{E quando os meses sagrados tiverem passado, depois matam o mushri-

[4]"La rapiña que se desata sobre lo femenino se manifiesta tanto en formas de destrucción corporal sin precedentes como em las formas de trata y comercialización de lo que estos cuerpos puedan ofrecer, hasta el último limite". (SEGATO, 2013, p. 17)

> kīn[5] onde quer que você os encontre, e capture-os, e cerque-os, e espere-os a cada lugar de emboscada. Mas se eles se arrependerem, estabeleça-os oração e dê zaká, deixe-os [ir] do jeito deles. Na verdade, Deus é Indulgente e Misericordioso.}[At-Tawbah: 5][6] (*DABIQ*[7], 2014, p. 14).

Através dessa leitura radical do islã, que traz à tona práticas primitivas, o ISIS justificou seu ataque aos Yazidi; no entanto, tal ataque se deu de forma particular aos corpos femininos. Referindo-se à revista *Dabiq*, Ali (2015, p. 10), diz que é "publicada regularmente, é traduzida para inglês, francês e alemão e, portanto, acessível a um público amplo". A importância que é dada pelo ISIS quanto ao acesso à revista por um público amplo nos leva a entender que se trata de uma grande propaganda de guerra, e a legitimação dos estupros se fazendo presente em conteúdo publicado nessa revista também leva a entender a importância do próprio estupro para a luta que estão travando.

Os primeiros relatos sobre a violência sexual infringida às meninas Yazidi pelo ISIS vieram daquelas que conseguiram escapar já no final do ano de 2014; foram poucos meses após serem atacadas, porém uma eternidade para quem foi obrigada a submeter-se a atos tão truculentos. Desde então têm surgido reportagens com seus depoimentos. Nesses relatos, as histórias se repetem: as mulheres são separadas dos homens, os meninos mais novos também são separados, a cada grupo é dado um destino diferente. Isso pode ser constado nas reportagens do jornal *The Independent* em diferentes anos, desde então: "A menina B explicou que, uma vez que o ISIS chegou, eles começaram a dividir os Yazidis locais em grupos - separando os homens das mulheres e dos filhos e separando as mulheres casadas das não casadas» (*THE INDEPENDENT*, 22 de Dez de 2014). "Ela descreveu como no verão passado ela estudava na aldeia de Kocho, no norte do

[5]Aqueles que praticam o shirk, que é o pecado de idolatrar o politeísmo.

[6]Upon conquering the region of Sinjar in WilāyatNīnawā, the Islamic State faced a population of Yazidis, a pagan minority existent for ages in regions of Iraq and Shām. Their continual existence to this day is a matter that Muslims should question as they will be asked about it on Judgment Day, considering that Allah had revealed Āyat as-Sayf (the verse of the sword) over 1400 years ago. He ta'ālā said, {And when the sacred months have passed, then kill the mushrikīn wherever you find them, and capture them, and besiege them, and sit in wait for them at every place of ambush. But if they should repent, establish prayer, and give zakah, let them [go] on their way. Indeed, Allah is Forgiving and Merciful.} [At-Tawbah: 5]. (DABIC, 2014, p. 14)

[7]A revista *Dabiq* é uma das publicações on-line mais lida do grupo. recebeu o nome de um pequeno lugar na Síria, que é a localização de uma batalha histórica, de acordo com a mitologia islâmica.

Iraque, quando os combatentes de Isis reuniram todos os Yazidis, matando 312 homens em uma hora e levando as mulheres mais jovens à escravidão" (*THE INDEPENDENT*, 1 de Jan de 2016). "Os membros masculinos das famílias, incluindo o irmão de 16 anos de Dalal, Fauaz, foram separados das mulheres e crianças e foram levados" (*THE INDEPENDENT*, 1 de Mar de 2017). Nesses relatos que indicam a forma metódica e sistemática do ataque aos Yazidi, buscamos encontrar, portanto, a utilidade bélica entrelaçada ao destino que leva as Yazidis à escravidão sexual.

Genocídio

Conforme Adam Jones (2006), o conceito de genocídio foi elaborado por Raphael Lemkin[8], após muitas pesquisas sobre massacres na história, que o levaram a colocar o genocídio em um contexto histórico. Lemkin, então, passou a lutar para o reconhecimento do seu conceito e travar uma campanha para que as Nações Unidas redigissem uma convenção contra o genocídio, o que só conseguiu nos seus últimos dias de vida, quando se iniciou uma convenção da ONU que o incorporou. Em 1948 a Assembleia Geral terminou uma sessão ordinária com a adoção da convenção sobre prevenção e punição do crime de genocídio, ficando estabelecido que:

> Artigo I. As Partes Contratantes confirmam que o genocídio, seja ele cometido em tempo de paz ou em tempo de guerra, é um crime de direito internacional que eles se comprometem a prevenir e punir. Artigo II. Na presente Convenção, o genocídio significa qualquer dos seguintes atos cometidos com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um nacional, étnico, racial ou grupo religioso (...)[9] (JONES, 2006, p. 12).

Os atos condenados, que definem, segundo a ONU, o crime de genocídio foram:

[8]Jurista polonês-judeu, refugiado da Europa ocupada pelos nazistas, e viveu de 1900 a 1959. (JONES, 2006)

[9]Article I. The Contracting Parties confirm that genocide, whether committed in time of peace or in time of war, is a crime under international law which they undertake to prevent and to punish. Article II. In the present Convention, genocide means any of the following acts committed with intent to destroy, in whole or in part, a national, ethnical, racial or religious group (...) (JONES, 2006, p. 12)

> (a) Matar membros do grupo; (b) Causar sérios danos corporais ou mentais aos membros do grupo; (c) Deliberadamente infligindo sobre as condições grupais da vida, calculadas para causar a sua destruição física total ou parcial; (d) Imposição de medidas destinadas a prevenir nascimentos dentro do grupo; (e) Transferir forçosamente crianças do grupo para outro grupo.[10] (JONES, 2006, p. 13).

Reparemos que, no caso que estamos analisando, o destino dos homens é quase sempre a morte, enquanto os meninos mais novos vão para os campos do ISIS se tornarem soldados e as mulheres são vendidas ou dadas para escravidão sexual. Trata-se, portanto, de um massacre aos Yazidi, como aponta essa reportagem jornalística: "O governo regional curdo diz que mais de 3.500 homens, mulheres e crianças de Yazidi estão desaparecidos atualmente, embora grupos ativistas digam que esse valor é muito maior" (*THE INDEPENDENT*, 22 de Dez de 2014). Os depoimentos e reportagens indicam uma execução em massa dos homens: "Uma menina de 16 anos, Randa, foi sequestrada de sua aldeia ao sul do Monte Sinjar com seus pais e irmãos e dezenas de outros parentes... Seu pai foi morto junto com outros parentes do sexo masculino» (AMNESTY INTERNACIAL, 2014, p. 5). Em uma reportagem do *The Independent,* sobre os membros masculinos da família de uma vítima, lemos: «Nenhum vestígio foi encontrado, mas as evidências de sepulturas encontradas em massa na área sugerem que eles foram massacrados de forma sistemática por militante" (*THE INDEPENDENT*, 1 de Mar de 2017).

O relatório da AINA (Assyrian Internacional News Agency) aponta que, "em vila após vila, os homens e os meninos mais velhos foram conduzidos ou marcharam para campos próximos, onde foram forçados a deitar-se na sujeira e pulverizados com fogo automático" (AINA, 2015, p. 2). Percebemos que os homens em maioria são "descartados". Com os membros masculinos mortos e as crianças e mulheres raptadas, os Yazidi, que já são uma parcela mínima no Oriente Médio, podem ser facilmente extintos. Os meninos novos são capturados para viver com o ISIS e se tornarem membros do grupo, futuros soldados. O relatório do Human Rights Concil (2016, p. 18) informa que "as mulheres entrevistadas contaram que os lutadores do ISIS disseram-lhes que estavam le-

[10] (a) Killing members of the group; (b) Causing serious bodily or mental harm to members of the group; (c) Deliberately inflicting on the group conditions of life calculated to bring about its physical destruction in whole or in part; (d) Imposing measures intended to prevent births within the group; (e) Forcibly transferring children of the group to another group. (JONES, 2006, p. 12)

vando seus filhos para ensiná-los a ser muçulmanos e treiná-los para lutar". O assassinato de vários homens e a transferências dos meninos indicam práticas de genocídio, segundo a própria definição da ONU.

Há uma lógica para uma combinação de matança seletiva de gênero. De acordo com James (2006), primeiramente, as mulheres, ao contrário dos homens, não apresentam ameaça militar e constituem um valor como escravas ou concubinas. E segundo, porque sociedade patriarcal é majoritariamente patrilineal, onde o pai é que traça a descendência. James (2006) também afirma que, apesar disso, devemos ressaltar que o ataque "apenas" a homens adultos já é considerado genocídio de acordo com o direito internacional, e a violação sistemática das mulheres também pode ser parte de um genocídio quando se encontra dentro de uma campanha que visa o extermínio do grupo.

Ao contrário dos homens, as meninas e mulheres foram poupadas da morte porque estavam destinadas a um papel bem específico, como escravas ou esposas; elas passaram, e a maioria ainda está passando, por uma exploração sem limites, de que faz parte o trabalho doméstico, a conversão forçada e principalmente o estupro, técnicas que, assim como o assassinato, também corroboram para um genocídio, uma vez que degrada a vida pessoal e coletiva da vítima. Em relato à Human Rights Watch (2015), uma vítima conta que um jihadista disse a ela: «Esqueça seus parentes, de agora em diante você se casará conosco, irá gerar nossos filhos, Deus a converterá ao Islã e você irá rezar». Mesmo que a forma como as meninas são tratadas varie em alguns pontos devido ao próprio descontrole daquele com quem elas vão parar, é sempre algo resultante de vendas e trocas. O que se constata é que se trata de uma exploração tão grande, que se encontra dentro de uma proposta de extinção do grupo étnico inteiro.

A possibilidade da rejeição das meninas pela família e comunidade, em geral, foi descartada; pelos relatos das meninas nota-se que elas foram bem recebidas e bem tratadas, apesar da forte cultura patriarcal. Essa aceitação se deu em muito pelo grau de frequência com que ocorreram os ataques. Com efeito, a Iraquiana ativista dos direitos das mulheres, Yanar Mohammed, em entrevista ao *The Guardian* (16 de Fevereiro de 2015), disse: "é mais difícil culpar uma mulher por ter sido estuprada quando está acontecendo com tantas". Apesar de não serem vítimas de ostracismo ao conseguirem escapar dos cativeiros, essas meninas ainda assim se encontram abandonadas, uma vez que não encontram grande parte dos membros da sua família. Podemos notar isso a partir dos depoimentos: "Meu pai está morto, não tenho ideia de onde está minha mãe e minha irmã (...) Por que tenho que viver? Tento esquecer tudo, mas mesmo quando eu fecho meus olhos eu os vejo na minha frente. Eu quero me matar"

(*THE INDEPENDENT*, 29 de Mai de 2015). "Mais de 500 antigos habitantes de sua cidade natal já foram encontrados em fossas comuns. A mãe de Dalal foi levada para a Síria pelo ISIS, pelo menos um irmão está morto e sua irmã mais nova continua desaparecida» (*THE INDEPENDENT*, 1 de Mar de 2017).

Algo que se mostra no modo sistemático com que o grupo trata as vítimas também parece suspeito; trata-se da forma pela qual as meninas são distribuídas entre os territórios: "A menina B e sua irmã foram movidas duas vezes antes de terminarem em uma casa em Baaj, no Iraque, de um sheik ISIS" (*THE INDEPENDENT*, 22 de dez de 2014). E também: «(...) as mulheres mais velhas foram forçadas ao trabalho doméstico e as mais jovens distribuídas entre as fortalezas de Raqqa, Mosul e Tal Afar" (*THE INDEPENDENT*, 1 de mar de 2017). O relatório do Human Rights Watch também afirma, a respeito dos relatos das meninas, que "(...) disseram que o ISIS está segurando Yazidis em vários locais do norte do Iraque, incluindo Mosul, Tal Afar, Tal Banat, Baaj, Rambusi e Sinjar, e em áreas que controlam no leste da Síria, incluindo Raqqa e Rabi'a" (HUMAN RIGHTS WATCH, 2015).

Pode parecer apenas uma simples distribuição entre os territórios conquistados pelo ISIS, entretanto, concluímos que é mais do que isso, ao analisar o relato de uma vítima à Anistia Internacional:

> Eles nos levaram primeiro para a Síria, para um lugar perto de Hassake. Lá nos mantivemos em uma casa com muitas garotas. Depois de 10 dias, um grupo de nós foi levado de volta ao Iraque, para Mosul, durante dois dias. Então fui levada a Baiji com uma das minhas irmãs e algumas das minhas primas, enquanto quatro de minhas irmãs e duas das minhas primas foram levadas para a Síria. Em Baiji fiquei em dois lugares diferentes e depois de cerca de três semanas fui levada para Rambussi, perto de Sinjar, com minha prima de 13 anos, enquanto minha irmã foi levada para minha mãe que está sendo mantida em outra aldeia com outros parentes. (AMNESTY INTERNATIONAL, 2014, p. 5).

As meninas são movidas constantemente, se tornando grupos cada vez menores e de forma a irem perdendo o paradeiro dos familiares. Como registra o *Global Justice Center* (2016, p. 1): "Algumas vítimas foram transferidas mais de dez vezes em questão de meses. Essas transferências repetidas aparentemente

visam reforçar o controle de Daesh[11] sobre as vítimas, inculcando sentimentos de medo, insegurança e desorientação». As meninas já se encontrariam separadas dos seus parentes quando vendidas ou distribuídas entre os jihadistas, contudo, quando movidas constantemente e separadas uma das outras, elas perdem totalmente o controle sobre onde se encontram seus familiares.

Comércio

Uma das primeiras reportagens do *The Independent* sobre o tratamento do ISIS em relação às meninas e mulheres Yazidis veio em Novembro de 2014, pouco tempo após o ataque. Trata-se de um vídeo onde membros do ISIS falam sobre uma feira de escravas sexuais. O vídeo também foi veiculado em outros jornais como o da CNN. Na descrição do vídeo, o homem que filma diz tratar-se de uma feira de escravas sexuais e fala: 'Hoje é o dia da distribuição, se Deus quiser. Cada um leva sua parte'. E a voz de outro homem aparece no vídeo dizendo: 'quero minha garota Yazidi'. Nas conversas eles falam que é mais caro se a menina tiver olhos claros.

O comércio das garotas parece ser algo fundamental como estratégia do grupo. Todos os relatos das vítimas nos relatórios e variadas reportagens contêm o momento em que elas são vendidas, negociadas ou partilhadas: "elas foram então vendidas para um comandante Isis chamado 'Abu Ghuffram' - que a menina B sabia - e levada para sua casa na aldeia Rambussi" (*THE INDEPENDENT*, 22 de Dez de 2014). E também: "A jovem de 17 anos, que agora acredita estar grávida de três meses, foi vendida para escravidão sexual em um "leilão" [...] Al-Russiyah também levou duas outras meninas no mesmo leilão, onde sua irmã de 10 anos foi vendida para um lutador «de alto perfil» (*THE INDEPENDENT*, 29 de Mai de 2015). E ainda: "meninas e mulheres mais jovens, algumas de até 12 anos, eram separadas de seus pais e parentes mais velhos e vendidas, dadas como presentes ou obrigadas a se casar com combatentes e defensores IS (...)» (AMNESTI INTERNATIONAL, p.4). Ou: "Lá, conheceu Yanar Mohammed, um ativista iraquiano de direitos das mulheres, que me contou a história de Noor. 'Os piores momentos', disse Noor, 'eram quando um homem me vendia para outro. E eu tinha que ouvi-los debater o que minha vida valia'" (*THE GUARDIAN*,17 de Fev de 2015).

[11]DAESH é outra denominação para o ISIS, que é o acrônimo do nome do grupo em árabe (ad-Dawlat al-Islāmiyahfī al-ʿIrāqwash-Shām).

A pesquisadora de jurisprudência no Islã, Kecia Ali (2016), chama a atenção para o processo de fabricação de tradição no Islã, ela afirma que o ISIS, assim como seus oponentes, se baseiam na história, escrituras e comunidades muçulmanas para reivindicarem a legitimidade para a interpretação que fazem no Islã. A escravidão é um bom elemento para se analisar esta fabricação de uma tradição. Desta forma, ela analisa o documento feito por estudiosos e figuras religiosas contra o ISIS e seus seguidores, intitulado de «Carta Aberta para Al-Baghdadi"[12], em contraposição com a *Dabiq*. Enquanto o primeiro discorre que a sharia[13] buscou de qualquer forma desfazer a escravidão e que retomá-la é proibido no Islã, eles defendem uma trajetória de progresso social que envolve toda a humanidade e acreditam no direito dos muçulmanos de reivindicar seus princípios básicos. Já as declarações do ISIS na *Dabiq* consideram que o abandono da escravidão implica no abandono da lei da sharia, eles discorrem uma história em que o fracasso do Islã está entrelaçado ao abandono da escravidão e, além disso, levou a má conduta sexual uma vez que o sexo com a cativa não estava disponível. Entretanto os dois documentos estão de acordo sobre a descontinuidade da escravidão no mundo Muçulmano.

Portanto, o que tornou possível a existência de um comércio de meninas Yazidi é a interpretação histórica do Islã e da sharia feita e reivindicada pelo ISIS, que retomou práticas antigas, existentes no contexto de sua origem. Essa venda das meninas para a escravidão se apresenta bem estruturada e persistente. As Yazidis são sistematicamente organizadas e inspecionadas. O relatório da AINA aponta que «a prática se tornou uma ferramenta de recrutamento estabelecida para atrair homens de sociedades muçulmanas profundamente conservadoras, onde o sexo casual é tabu e o namoro é proibido" (AINA, 2015, p. 2).

De fato, dentro desse comércio o interesse sexual nas meninas é evidente e pode ser constatado pela forma com que analisam seus corpos: "Os homens vinham e nos selecionavam. Quando eles chegavam, eles diziam para nos levantar e depois examinavam nossos corpos. Eles nos diziam para mostrar o nosso cabelo e às vezes eles batiam nas garotas se elas recusassem" (HUMAN RIGHTS WATCH, 2015). E também: "Ela disse que Al-Russiyahas deixavam nuas e escolhia uma menina todas as manhãs. Depois que ele fazia sua escolha, seus guarda-costas também escolheriam uma menina para atacar sexualmente» (*THE INDEPEN-*

[12]A "Carta Aberta para Al-Baghdadi" foi apresentada em conferência de imprensa e publicada on-line em setembro de 2014, após a atenção da mídia no verão de 2014 para a escravidão de mulheres e meninas Yazidi. O Conselho de Relações Americano-Islâmicas assumiu a liderança em sua liberação, em conjunto com o Conselho Fiqh da América do Norte. (ALI, 2016)

13 Conjunto de leis islâmicas de como se comportar baseadas no alcorão.

DENT, 29 de Mai de 2015). Esse acesso sexual ao corpo das vítimas se dá com muita violência e com uma enorme capacidade exploratória e destrutiva:

> A partir das 9h30 da manhã, homens viriam comprar garotas para estuprar. Eu vi na frente dos meus olhos soldados ISIS puxando cabelo, batendo garotas e batendo as cabeças de qualquer um que resistiu. Eles eram como animais (...). Uma vez que eles levaram as meninas para fora, eles as violariam e as levariam de volta para trocar por novas garotas. As idades das meninas variavam de 8 a 30 anos (...) apenas 20 meninas permaneceram no final. (HUMAN RIGHTS WATCH, 2015).

A ativista social, representante da ONU, Zainab Bangura, disse que "as meninas são vendidas por 'tão pouco como um maço de cigarros' ou por várias centenas ou mil dólares[...]. Elas foram então colocadas em frente a um grupo de homens que decidiram o 'que você vale'" (*THE GUARDIAN*, 9 de Jun de 2015). E que: «Mulheres e meninas disseram à Human Rights Watch que os combatentes do ISIS disseram que compraram até US $ 2.000 de outros membros do ISIS" (HUMAN RIGHTS WATCH, 2015). É difícil saber o quão lucrativo o comércio possa ser para o ISIS, entretanto, ele se tornou algo substancial à medida em que foi se difundindo e ajudando a propagar os ideais do grupo entre aqueles que se aproximam e se interessam pelo comércio.

Propaganda de recrutamento

Tal qual afirma Ali (2015, p.9), "o material de propaganda do ISIS é, em muitos casos, avançado, contém elementos da verdade e, de forma crucial, é apresentado usando técnicas modernas". O grupo utiliza-se de várias redes sociais para promover seus argumentos, mas principalmente, o ISIS busca estratégias para ter o controle da própria narrativa. De acordo com Ali (2015), as pessoas encarregadas das reportagens do ISIS sabem como o conteúdo sobre eles pode ser avaliado negativamente pela mídia, e por isso encontram formas de garantir que a mídia global se utilize do material e de "fatos" fornecidos pelo próprio grupo, levando o ISIS a ter um acesso mais amplo às pessoas e maior credibilidade. Referindo-se às decapitações de jornalistas transmitidas pelo grupo por meio de vídeos e fotos online, a pesquisadora explica que é "a estratégia distinta de ISIS de excluir os jornalistas de sua arena para garantir um controle

total sobre a informação... Forçando os jornalistas a se tornarem exclusivamente dependentes da propaganda ISIS" (ALI, 2015, p. 9).

Em 2015, o ISIS lançou um documento direcionado às mulheres, intitulado "Mulheres do Estado Islâmico: Manifesto e estudo de caso". O documento reafirma a desigualdade entre os gêneros e as diferenças entre os papéis de homem e mulher sob as leis do islã, uma vez que a mulher, segundo o documento, deve essencialmente tornar-se mãe e servir ao seu marido e filhos. O manifesto defende que a partir dos 9 anos a menina já pode se casar e já deve estar casada aos 16 e 17 anos, enquanto ainda são "jovens e ativas". Ao contrário da *Dabiq* e da maior parte da propaganda do ISIS, o documento só foi escrito em árabe, sem a disponibilidade em outras línguas, sugerindo que seja destinado apenas para a audiência árabe (ALI, 2015).

Segundo Ali (2015), o fato de que o manifesto foi destinado apenas ao público árabe pode ser porque o ISIS parece estar consciente de que esse modo de vida reservado à mulher membro do grupo afastaria potenciais recrutas femininas vindas do Ocidente, pois muitas mulheres migraram para se juntar ao grupo, influenciadas por atividades midiáticas. A autora explica que "(...) parece haver um fator universal que leva as mulheres e os homens ao ISIS: a promessa de uma vida aventureira em uma roupa religiosa, cumprindo a necessidade de excitação ao mesmo tempo em que parece dar sentido à vida" (ALI, 2015, p. 15).

Assim como a propaganda midiática do ISIS cria ideais para atrair as mulheres a se juntarem a eles, também os cria para os homens, e o direito ao jihad sexual é amplamente explorado pelos lutadores. Apesar de a maioria dos jihadistas serem sírios e iraquianos, há alguns relatos em que aparecem homens estrangeiros; isto consta tanto no relatório da Amnest International quanto do Human Rights Watch: "Alguns eram de outros países de língua árabe, e alguns eram de outros países... Quatro mulheres e meninas disseram que foram mantidas nas casas de dois combatentes australianos de origem libanesa (...)" (AMNESTY INTERNATIONAL, 2014). E:

> Duas irmãs, Rana, 25 e Sara, 21, disseram que não poderiam fazer nada para impedir o abuso de sua irmã de 16 anos por quatro homens durante vários meses. A irmã foi autorizada a visitá-las e disse-lhes que o primeiro homem que a estuprou, a quem descreveu como europeu, também a espancou, a algemou, deu choques elétricos e a negou comida. Ela disse a elas que outro combatente mais tarde a estuprou por um mês e depois a deu a um argelino por mais um mês. A última vez que a viram foi quando um com-

> batente saudita ISIS a levou. "Nós não sabemos nada sobre ela desde então", disse Sara. As duas irmãs disseram que também foram estupradas várias vezes por dois homens, um dos quais disse que era da Rússia e outro do Cazaquistão. (HUMAN RIGHTS WATCH, 2015).

A possibilidade da violação sexual pode ser apontada como uma das motivações para os homens entrarem para o ISIS. Zainab Bangura declarou ao *The Guardian* (9 de Jun de 2015) que «é assim que atraem jovens: temos mulheres esperando por você, virgens com as quais você pode se casar (...) os combatent es estrangeiros são a espinha dorsal da luta". Abu Mohammed Hussam, um dos ativistas do RBSS (Raqqais Being Slaughtered Silently)[14], disse ao *The Independent* (18 de Fev de 2015), que "...os combatentes muitas vezes levam mais de uma esposa e buscam 'sabaya' - mulheres que foram sequestradas e vendidas para a escravidão sexual".

O relatório da RBSS não se encontra mais disponível online, no entanto, segundo o *The Independent* (18 de Fev de 2015), tal documento conta com depoimentos das esposas dos jihadistas do ISIS, que fazem denúncias de que estão sendo obrigadas a se casar com os combatentes e que sofrem violência sexual por parte deles. Segundo o jornal, «algumas mulheres dizem que os combatentes estrangeiros são os piores, como monstros. Algumas dizem que estão pedindo coisas estranhas. Eles também estão procurando se casar com garotas jovens" (*THE INDEPENDENT*, 18 de Fev de 2015). Os estrangeiros aparecem como homens agressivos e que compartilham com os outros a prática da violência sexual. Bangura afirma que a captura das mulheres para distribuição entre os jihadistas é estratégico para o ISIS:

> Eles sequestram e raptam as mulheres quando tomam as áreas para que tenham - eu não quero chamar isso de um novo suprimento - mas eles têm novas garotas", disse ela. [...] As meninas sequestradas se tornaram uma parte fundamental da estratégia da Isis para recrutar combatentes estrangeiros que viajaram para o Iraque e a Síria em números recorde nos últimos 18 meses. (*THE GUARDIAN*, 9 de Jun de 2015).

[14]Raqqa está sendo abatido de forma silenciosa. Se trata de uma organização midiática com o intuito de denunciar a atuação do ISIS na cidade de Raqqa.

direito de acesso sexual ao corpo de tantas meninas se tornou um fundamento na formulação da doutrina do ISIS, e isso é atrativo. Uma mulher em entrevista para o relatório da AINA (2015) conta que foi comprada e estuprada por um combatente saudita, mas que na casa havia outra menina de 12 anos e que seu tratamento era muito pior; contou ainda que a garota era estuprada por dias apesar de ter grande sangramento e estar infectada, e que o combatente ignorava as condições da menina e continuava sempre com seu ritual de rezar antes e depois de estuprar a menina, chegando uma vez a dizer que não se tratava de uma criança e sim de uma escrava e fazer aquilo com ela agradava a Deus.

A violação das mulheres pelo ISIS parece ser menos para atingir e humilhar os Yazidis como um todo, pois os homens já têm como destino a conversão ou a morte. Não há uma possibilidade de futuro para a pequena comunidade étnico-religiosa, ou resíduo social na qual o estupro das mulheres pudesse refletir, na visão do ISIS, pois o plano é pôr fim a todos os homens e capturar todas as mulheres.

As mulheres que foram capturadas grávidas, foram forçadas a abortar, segundo o Human Rights Council (2015); uma mulher que foi estuprada e torturada por um médico relatou que "(...) o médico sentou-se no estômago, com o objetivo de matar o nascituro, dizendo: Este bebê deve morrer porque é infiel; Eu posso fazer um bebê muçulmano" (HUMAN RIGHTS COUNCIL, 2015, p. 10). No mesmo documento, outros relatos afirmam que, "Antes do aborto, uma testemunha teria ouvido um combatente ISIS afirmando: não queremos que mais Yezidis nasçam. Ambas as mulheres receberam uma injeção e as fizeram tomar pílulas" (HUMAN RIGHTS COUNCIL, 2015, p. 10). Entretanto, a possibilidade de gerar filhos nas Yazidis também não é uma opção, repare no caso de uma vítima: "De um dos estupradores, conhecido como Abu-Mustafa, ficou grávida, mas outro militante que também comprou a Dalal fez com que ela forçasse um aborto ao bebê tomando comprimidos e fazendo trabalhos pesados" (*THE INDEPENDENT*, 1 de Mar de 2017). Isso demostra que apesar de garantir, através do aborto de filhos Yazidi, que haja um extermínio destes. Não há uma ação deliberada para fazer filhos nas meninas e mulheres Yazidi, pois elas servem apenas para exploração, uma exploração que além de estratégica, também garante o extermínio das mesmas.

O ISIS elaborou todo o ataque sistematizado aos Yazidis, mas não elaborou o que seria das meninas após vendidas ou entregues aos lutadores, pois isto, para o grupo, não importa; o fato de garantirem que era de direito e de agrado à Deus que fizessem o que bem entendessem às mulheres, incluindo o estupro de crianças, foi uma forma de encorajar uma violência exorbitante, como constata

a Human Rights Council (2015, p. 10), "A missão obteve relatórios críveis sobre o estupro de jovens, incluindo nove e seis anos de idade... A menina disse à testemunha que ela estava com os olhos vendados, algemada, espancada e repetidamente estuprada". Talvez o ISIS saiba que não sobraria nada das mulheres, elas pouco viveriam, a prova disso é que as que conseguiram fugir para relatar o que lhe acontecera, na maioria se encontram muito fragilizadas, como se percebe no trecho da reportagem a seguir:

> As mulheres resgatadas nos dois primeiros anos após o ISIS invadir sua pátria ancestral chegaram em casa com infecções, membros quebrados e pensamentos suicidas. Mas agora, depois de três anos de cativeiro, mulheres como Souhayla e outras duas vistas na semana passada pelos repórteres, estão muito mais danificadas, exibindo sinais extraordinários de lesões psicológicas. (*NEW YORK TIMES*, 27 de Jul de 2017)

O ódio que levou ao ataque dos Yazidi foi potencializado através da legitimação religiosa. Não se tratou de uma disputa por território ou poder. Para os jihadistas do ISIS não há lugar para a pequena população Yazidi no mundo e é o desejo de Deus aniquilá-los. Por mais assustador que possa parecer, os soldados (não temos como afirmar o mesmo dos líderes), acreditam estar fazendo o bem, e o fazem em nome da religião, sendo que a tentativa de converter as meninas vítimas está sempre presente. Alguns exemplos disso se percebe nos relatos de vítimas que conseguiram escapar, como nestes seguintes: "Todas as manhãs eu fui forçada a rezar das três horas, cinco vezes ao longo do dia... Eu era responsável pelo trabalho doméstico, o café da manhã, o jantar, tinha que limpar o apartamento e sempre tive que aprender um verso do Alcorão de cor" (*THE INDEPENDENT*, 1 de Mar de 2017). «Ele continuou me dizendo que isso é ibadah, disse ela, usando um termo da escritura islâmica que significa adoração. Ele disse que me violar é a sua oração a Deus" (AINA, '2015, p. 1). "A adolescente disse que o militante checheno, que se chamava Al-Russiyah, e sua equipe de guarda-costas a forçariam a recitar passagens do Alcorão enquanto a atacavam" (*THE INDEPENDENT*, 29 de Mai de 2015).

Contudo, no meio do caminho eles descobriram uma possibilidade estratégica com tantas mulheres. Assim, sem nenhuma consideração pela vida das mulheres, eles as colocaram em ônibus específicos, as levaram para lugares específicos, tomaram seus nomes, analisaram seus corpos e decidiram quanto elas valiam. O ISIS descobriu a possibilidade da exploração das Yazidis sob a denomi-

nação de jihad sexual e escravidão, eles perceberam também como isso os ajuda a atrair combatentes e apoiadores. O ISIS conseguiu atrair uma grande quantidade de homens e mulheres para se tornarem parte do grupo, o que se deu com vasta utilização de rede sociais e mídia, mostrando claramente como a propaganda é relevante para eles. A quantidade de estrangeiros nos relatos de estupro, demonstra que eles entram, mesmo que não familiarizados, dispostos a participar da violência sexual em massa que anda ocorrendo.

RECEBIDO em 15 de julho de 2020.
APROVADO em 8 de setembro de 2020.

REFERÊNCIAS

ALI, Kecia. Redeeming slavery: The Islamic State and the quest for Islamic morality. Mizan. Volume 1, issue 1, 2016.

ALI, Mah-Rukh. *ISIS and propaganda: how ISIS exploits women.* University of Oxford: Reuters Institute Fellowship Paper. 2015

ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus*. Companhia das letras. 2001.

AYDELOTT, Danise. *Mass rape during war: Prosecuting Bosnian rapists under international law*. Emory International Law Review, 1993.

BITAR, Sali. *Sexual violence as a weapon of war:* the case of ISIS in Syria and Iraq. Uppsala University. 2015.

CNN. *ISIS: Enslaving, having sex with 'unbelieving' women, girls is OK*. Greg Botelho,2014. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2014/12/12/world/meast/isis-justification-female--slaves>.Acessado em 21 de Outubro de 2016.

COCKBURN, Patrick. *A origem do Estado Islâmico: O fracasso da "guerra ao terror" e a ascensão jihadista***.** São Paulo: Altonomia Literária, 2015.

GLOBO, O. *ONU lista 21 países onde o estupro é usado como arma de guerra*. 2014. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/onu-lista-21-paises-onde-estupro-usado-como--arma-de-guerra-12287386>.Acessado em 20 de maio de 2015

GUARDIAN, The. *The Scott Trust: values and history.* 2015. Disponível em: <https://www.theguardian.com/the-scott-trust/2015/jul/26/the-scott-trust>. Acessado em 27 de Novembro de 2017.

JONES, Adam. *Genocide*: A comprehensive introduction. Taylor & Francis. 2006

NAHOUM-GRAPPE, Véronique. *Da dimensão sexual de uma guerra: os estupros em série como arma na ex-Iugoslávia, 1991-1995.* In: SCHPUN, Mônica Raisa (org.). *Masculinidades*. São Paulo-Santa Cruz do Sul: Boitempo Editorial-Edunisc, 2004.

NEW YORK TIMES, The. *Freed from ISIS, Yazidi women return in 'Severe Shock'* . 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/07/27/world/middleeast/isis-yazidi-women-rape-iraq-mosul-slavery.html >. Acessado em 27 de de novembro de 2017.

_____. *"Boko Haram militants raped hundreds of female Captives in Nigeria"*. 2015. Disponível em: <http://mobile.nytimes.com/2015/05/19/world/africa/boko-haram-militants-raped-hundreds-of-female-captives-in-nigeria.html?referrer=&_r=0>. Acessado em 20 de Maio de 2015.

SEDGWICK, Mark. *Jihadism, Narrow and Wide: The Dangers of Loose Use of an Important Term*. Perspectiver on terrorism. 2015. Disponível em: <http://www.terrorismanalysts.com/pt/index.php/pot/article/view/417/html>. Acessado em 31 de Outubro de 2016

SEGATO, Rita Laura. *A estrutura de gênero e a injunção do estupro.* In: SUÁRES, Mirela; BANDEIRA, Lourdes (orgs.). *Violência, gênero e crime no Distrito Federal*. Editora Universidade de Brasília. 1999.

_____. *Las nuevas formas de la guerra y El cuerpo de lãs mujeres*. Edición Puebla: Pez enelárbol. 2014.

TESCARI, Adriana S. *Violência sexual contra a mulher em situação de conflito armado.* Porto Alegre: Sérgio A. Fabris Editor, 2005.